

LEITURA LITERÁRIA E LETRAMENTO SEMIÓTICO NA SALA DE AULA¹

LITERARY READING AND SEMIOTIC LITERACY IN THE CLASSROOM

Aurea da Silva Pereira²
Jussara Figueiredo Gomes³

RESUMO: O presente artigo intitulado *Leitura literária e letramento semiótico na sala de aula* aborda sobre a leitura de textos literários e de textos semióticos na sala de aula. Neste diálogo, discutimos também sobre a importância dessas modalidades textuais no processo de formação crítica e reflexiva do leitor contemporâneo. Assim, o texto pauta uma discussão em um diálogo teórico entre leitura literária e letramento semiótico e suas contribuições no processo de formação leitora de estudantes na sala de aula para uma aprendizagem significativa. Nesse viés, buscamos traçar uma abordagem sobre o trabalho com os textos verbais e não verbais no contexto escolar, abordando sobre o importante papel da escola para o desenvolvimento da leitura literária e semiótica na sala de aula. Para embasar da escrita, apropriamo-nos dos fundamentos da teoria literária e letramento semiótico, como Catto (2013), Cruz (2012), Aguiar (2006), Rojo (2012). No processo de discussão da teoria e seus fundamentos, tendo como base experiências de oficinas com textos literários e semióticos na sala de aula, percebemos que esse tipo de prática pedagógica se constitui em ferramenta poderosa que pode despertar o gosto pela leitura literária e, conseqüentemente, contribuirá para formação de leitores.

Palavras-chave: Leitura literária. Letramento semiótico. Sala de aula.

ABSTRACT: This article entitled *Literary reading and semiotic literacy in the classroom* addresses the reading of literary texts and semiotic texts in the classroom. In this dialogue, we also discuss the importance of these textual modalities in the process of critical and reflective formation of the contemporary reader. Thus, the text guides a discussion in a theoretical dialogue between literary reading and semiotic literacy and its contributions

¹ Artigo recebido em 30/03/2019 e aceito em 31/05/2019.

² Doutora em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC – UNEB). Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural (UNEB). E-mail: aureauneb@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural pela UNEB. E-mail: jussarafgomes@hotmail.com



in the process of training students to read in the classroom for meaningful learning. In this bias, we seek to draw an approach on the work with verbal and nonverbal texts in the school context, addressing the important role of the school for the development of literary and semiotic reading in the classroom. To base the writing, we take advantage of the fundamentals of literary theory and semiotic literacy, such as Catto (2013), Cruz (2012), Aguiar (2006), Rojo (2012). In the process of discussing the theory and its foundations, based on experiences of workshops with literary and semiotic texts in the classroom, we perceive that this type of pedagogical practice constitutes a powerful tool that can awaken the taste for literary reading and, consequently, contribute to the training of readers

Keywords: Literary reading. Semiotic dictation. Classroom.

Introdução

O presente trabalho intitulado *Leitura literária e letramento semiótico na sala de aula* aborda sobre a leitura de textos literários e de textos semióticos na sala de aula e sobre a importância dessas modalidades textuais para a formação crítica e reflexiva do leitor contemporâneo. No intuito de discorrer sobre as contribuições da literatura e da semiótica na formação do leitor, este artigo está organizado nos seguintes tópicos: *A formação do leitor literário*. Nesse tópico, atentamos para o importante papel da literatura na formação do leitor; no segundo tópico, pautamos *A leitura semiótica*, tomando como parâmetro as diversas modalidades textuais acessadas pelo sujeito leitor como fontes de leituras em seu contexto formativo, seja ele familiar, escolar e/ou social), objetivando compreender a formação leitora de estudantes na sala de aula para uma aprendizagem significativa. Nesse viés, buscamos dialogar com os textos verbais e não verbais no contexto escolar, abordando sobre o importante papel da escola para o desenvolvimento e explanação da leitura literária e semiótica na sala de aula.

Assim sendo, refletir sobre as práticas de leitura no contexto social se constitui como um dispositivo imprescindível para a compreensão dos modos de vida dos sujeitos em seu contexto sociocultural. Nesse sentido, a leitura literária envolve o sujeito em várias dimensões, sejam elas, distintas ou similares. Cabe ao sujeito leitor escolher qual direção deseja trilhar, pois a leitura abre caminhos que nos ajudam a compreender sobre nossa realidade no contexto social em que estamos inseridos.



O ato de ler implica a busca do conhecimento estético de maneira que o leitor entra em conflito dentro de si para compreender e a organizar o pensamento crítico. Ao fazer inferência às leituras realizadas, o sujeito leitor se permite mergulhar nas entrelinhas do texto para vivenciar o belo. Sendo assim, essa beleza constituída através das leituras intensifica as emoções sentidas pelo leitor. A cada nova leitura que realizamos, temos a chance de desconstruir um saber para construirmos outros. E é essa construção e desconstrução do apreendido que norteamos a busca de novos saberes por meio das novas práticas de leituras. Logo, vivenciar o novo configura-se depreender convicções antes formuladas para criarmos outras a partir das experiências já adquiridas. Não precisamos, necessariamente, abstermos do que tínhamos, mas sim, permitirmos que o novo adentre a espaços já preenchidos.

Conforme Cruz (2012, p. 71),

[...] a leitura ganha sentido para o leitor quando ele se percebe nela inscrito, quando encontra no texto o seu lugar de identificação. Esse lugar de identificação pode ser entendido como tudo aquilo que se constitui numa memória social e possa expressar, através do discurso, o seu mundo interior e o seu desejo de estar com o texto.

Ao adentrar ao espaço literário, o leitor vai adquirindo experiências por meio do processo de transição, aproximação e intimidade com a leitura. Então, a partir das novas experiências adquiridas, sejam através do contexto familiar, escolar, social ou cultural, o sujeito começa a transitar e a vivenciar novas descobertas, e o contato com o texto no contexto em que o mesmo está inserido permite-o explorar com mais intensidade a leitura literária. Sendo assim, o espaço que é oferecido o texto norteia o caminho percorrido pelo leitor e lhe atribui sentidos diferentes. Desse modo, a leitura literária dinamiza o sujeito a pensar sobre a realidade da vida no contexto social no qual está inserido.

Se enxergarmos a literatura como a arte que nos possibilita visualizar o mundo a nossa volta, podemos vislumbrar que através dela estabelecemos relações no tempo e no espaço e exploramos o real, ficcional e o simbólico por meio da linguagem literária. Ao compreendermos a essência do texto literário, construimos sentidos ao que vivenciamos. Reiteramos assim, que o texto em sua amplitude constitui-se o mecanismo



das relações entre autor/leitor/contexto. Relações estas que nos tornam construtores e espectadores da nossa própria história e também da história do outro por meio das leituras e releituras que fazemos àquilo que nos rodeia.

A formação do leitor literário

Ao pensarmos a literatura com a arte que possibilita práticas de leitura e de escrita no contexto escolar, o trabalho literário na sala de aula torna-se imprescindível, pois a leitura literária trabalhada de forma significativa contribui para a formação crítica do leitor. “Estando a literatura ligada a demonstração do real, esta assume funções que atuam diretamente no homem e, depois, volta-se para sua formação, enquanto fruidor dessa arte” (CRUZ, 2012, p.19). Nesse sentido, argumentamos que a construção do conhecimento intelectual por meio das leituras experienciadas vincula ao texto como práticas adquiridas pelo conhecimento de mundo e dá ao sujeito leitor o empoderamento. Entendemos, com isso, que todo conhecimento adquirido pelos sujeitos através das leituras realizadas constitui-se em letramentos. Sendo assim, podemos observar o poder exercido pela leitura impõe ao leitor condutas sociais que fundamentam os discursos desse sujeito no contexto social em que está inserido. Desse modo, entendemos que o discurso formado pelo sujeito permite o domínio do conhecimento linguístico, literário e cultural através da língua.

A escola tem se instituído como um mecanismo de difusão do conhecimento e de formação dos sujeitos através da língua. Sendo assim, ela articula práticas e eventos de letramentos por desempenhar um papel social significativo na formação crítica e reflexiva. Sabemos que tanto os conhecimentos advindos do espaço escolar como o que vem de outros espaços sociais se constituem como dispositivos poderosos para entender a construção dos letramentos como um processo de formação cultural, político e ideológico, contribuindo para a constituição dos sujeitos formadores de opiniões e construtores de seus próprios discursos. Também é possível tratar o espaço escolar como o lugar de reflexão dos próprios discursos, tomando como pressuposto a língua, a cultura e a diversidade que os constrói. Entendemos, com isso, que o trabalho com a leitura na sala de aula necessita ser significativo para constituir sentido no processo de formação de leitores dos sujeitos.



Desse modo, o papel da escola é de fundamental importância para o desenvolvimento e explanação da leitura, não só no ambiente escolar, mas também no contexto social dos sujeitos. O trabalho da escola é imprescindível e deve ser cuidadoso e alicerçado em prática literária reflexiva, pois ao mesmo tempo em que ela pode aproximar os estudantes do universo literário, também pode afastá-los se a leitura não for conduzida de forma que desperte prazer e sentido. A apropriação da literatura na escola exige uma construção de saberes que possam promover o pensamento crítico, visto que a escola precisa elencar e alicerçar o conhecimento literário e fomentar o desejo do estudante a tornar-se um leitor construtor de saberes, que descubra o gosto da leitura prazerosa para que o mesmo possa a partir disso, vivenciar a primazia do texto, seja ele verbal ou não verbal.

Ao enxergarmos o contexto escolar um espaço de convivência entre sujeitos, podemos argumentar que esse ambiente é repleto de heterogeneidade por reunir conhecimentos múltiplos capazes de promover a formação crítica e reflexiva. A escola é vista como o laboratório de aprimoramento do conhecimento adquirido. Portanto, é possível compreender que a relação do sujeito entre os vários espaços de convivência produz as experiências necessárias para a construção do conhecimento.

A escola é um espaço de interação social em que indivíduos de contextos diferentes se relacionam. O que a torna um ambiente favorável para as trocas de experiências entre diferentes grupos sociais. É nesse sentido que percebemos a escola o lugar de aprendizagens e o ponto de encontro dos letramentos por comportar pessoas de diferentes espaços sociais. Percebemos, dessa forma, a escola uma comunidade habitável e de grande relevância social. Pensar a escola básica como um sistema político/ideológico nos permite refletir sobre a formação dos sujeitos que a constituem. Ela configura-se o lugar de encontros/reencontros e de construção do pensamento crítico.

Cruz (2012, p.129, 130) afirma que,

[...] na escola, o espaço-tempo mais significativo é o da sala de aula. Nesse contexto a aprendizagem escolar acontece numa situação de intersubjetividade específica, que supõe sujeitos diferenciados em busca



de entenderem a si mesmos e ao mundo ao qual pertencem. A escola nasce e se organiza como lugar de ensinar e de aprender.

Há uma abrangência de sentidos quando nos referimos ao contexto escolar, pois entendemos que nesse ambiente transitam e se aglomeram letramentos múltiplos de forma a revelar histórias que o completa e o constitui. A escola por ser um campo vasto e heterogêneo vai além de suas fronteiras. Então, o que é a escola sem seus arredores? Se a escola é o ponto de encontro entre sujeitos dos diferentes espaços sociais, compreendemos que ela cogita as relações interpessoais entre diferentes grupos de convivência. Nesse sentido, podemos considerar a interrelação dos sujeitos uma das mediadoras do ensino e da aprendizagem.

Aguiar (2006, p. 242) afirma que “[...] ler é ampliar horizontes e a literatura será tanto melhor quanto mais provocar o seu leitor [...]”. Nesse sentido, percebemos a leitura literária como uma fonte de inspiração que compete ao leitor a busca progressiva de seu encontro com o texto. O leitor quando institui contato com o texto, no mesmo instante em que rompe, ele recria relações com o lido para explorá-lo de forma que promova sentido as suas possibilidades de leituras.

Sendo a leitura fonte de inspiração para novas descobertas, ela nos possibilita construir relações entre o saber e o prazer. É por meio dela que nos familiarizamos com o estranho e passamos a filtrar aquilo que era antes desconhecido. O conhecimento brota a partir das estratégias que utilizamos na articulação das leituras que fazemos. Então, quando lemos inferimos novos saberes, transformamos os saberes adquiridos, e conseqüentemente, construímos outros conhecimentos.

Se pensarmos que no texto se concentra o espaço de transição entre real, ficcional e simbólico, entendemos o trânsito do leitor nesse espaço entre textos literários e/ou semióticos, entre afastamento e aproximação com a leitura provocando questionamentos, reflexões e inserção de um novo saber. O importante neste diálogo é a identificação do leitor com o universo perceptível de leituras. Assim, podemos considerar que as leituras movimentam a capacidade de interação do leitor com o ambiente que o cerca e por meio de suas relações estrutura sua forma de pensar e agir.

Segundo Aguiar (2006, p. 249),



[...] como a obra literária é simbólica, ela permite leituras plurais, dando-se à interpretação sempre de um modo novo, pelas possibilidades de combinações dos signos. Por essas vias, o leitor pode ter suas expectativas atendidas ou contrariadas, em maior ou menor grau. Mas o certo é que ele não continuará igual depois da leitura, uma vez que seu horizonte estará modificado pela interação com o texto. Daí decorre, por conseguinte, que uma segunda leitura do mesmo material será necessariamente diferente.

Todavia, a leitura renova e ressignifica o conhecimento humano. Ela aguça a criatividade e intensifica a forma de enxergarmos o mundo. Também por meio dela, criamos novos saberes e adquirimos novas experiências. As experiências adquiridas durante o processo de leitura intensificam os conhecimentos adquiridos por meio das leituras realizadas, produzindo outros sentidos. A cada nova experiência com o texto, o leitor constrói novos saberes a partir de sua relação com o que é lido. As leituras realizadas dão ao leitor possibilidades de interpretação.

De acordo com Cruz (2012, p. 15), “durante o exercício de construção leitora, o leitor abre caminho para as mais diferentes formas de interpretação, na medida em que se concede o prazer de ser seduzido pelos encantos do texto”. Entende-se, com isso, que o sujeito que ler por prazer, sente-se envolvido pelas histórias lidas e é levado pelas mesmas a várias dimensões do pensamento. Sendo assim, é através do pensamento que ocorrem os conflitos que dão vida e ao mesmo tempo equilibram a trajetória do sujeito pelo mundo real e ficcional em um único espaço, que é o texto. Desse modo, é por meio da leitura prazerosa que o leitor encontra as interpretações necessárias para se constituir letrado.

Ao discorrer sobre leitura, é preciso também levar em consideração a escolha das leituras realizadas pelos estudantes, pois é visível que meninos e meninas, adolescentes e jovens estão em constante contato com os textos multimodais e multissemióticos e não cabe a nós julgarmos que estes não são leitores assíduos, até porque, estão emersos na era da multimodalidade e dos multiletramentos.

Se pensarmos na formação do leitor de forma gradativa, podemos compreender que as atividades de leitura podem acontecer a partir de ações voluntárias de aproximação do sujeito ao texto. Nesse sentido, as vivências em seu contexto histórico, cultural e social podem contribuir e



implicar neste processo de relação com a leitura. Compreendemos que adentrar ao ambiente literário por meio das inferências de leitura do texto, faz-se necessário o mínimo de sensibilidade do leitor, seja ele iniciante ou não. Quem decide e atribui o grau de complexidade do texto lido é o leitor. Ele é quem concede ao texto a assimetria e maestria do conteúdo lido, pois é o leitor que cria, recria, reinventa e ressignifica a leitura e atribui a ela marcas rasas ou profundas ao seu conhecimento crítico e intelectual.

A leitura é um jogo em que o autor escolhe as peças, dá as regras, monta o texto e deixa ao leitor a possibilidade de fazer combinações. Quando ela faz sentido, está ganha a aposta. Mas isso só acontece porque o leitor aceita as regras e se transporta para o mundo imaginário criado. [...]. Ao mergulhar na leitura, entra em outra esfera, mas não perde o sentido do real [...] (AGUIAR, 2006, p. 254).

Ao estabelecer uma relação de cumplicidade com o texto, sendo este, verbal ou não verbal, o leitor necessita se sentir envolvido com a leitura a ponto de estabelecer uma relação recíproca com o texto lido, permitindo ao leitor a busca do conhecimento sistemático a partir das práticas de leituras adquiridas em seu processo de formação leitora. O intelecto aguça a busca de novas descobertas do pensamento crítico por meio do conhecimento sistemático que é adquirido pelo leitor ao longo de sua trajetória de leituras e releituras realizadas durante seu processo de letramento e escolarização.

A leitura semiótica

Acreditamos ser importante pensar na literatura e na semiótica como linhas que se interligam através da linguagem, produzindo sentidos. As pontes que ligam essas teorias permitem que caminhemos entre elas e interpretando o que está a nossa volta. Isso nos propõe a investigação daquilo que está intrínseco em nossas imediações. Assim, torna-se possível argumentar que os caminhos que nos revelam possibilidades do estudo entre essas duas vertentes teóricas tornam possível interpretações da realidade social cotidiana.

A leitura de textos baseadas nas linhas de investigação da literatura e da semiótica cria possibilidades de aprendizagens e através de interpretações construímos um conhecimento por meio da investigação



teórica que fundamenta nossas atividades de leitura crítica que alicerça e orienta nossas relações sociais. Isso nos possibilita pensar que o real campo dos símbolos criados por nós se constitui no âmbito das leituras interpretativas da realidade e de desse lugar, podemos compreender como espaços pedagógicos produzem aprendizagens significativas. Nesse sentido, podemos pensar que o campo de interpretação da literatura e da semiótica se constrói em torno das vivências e das experiências de vida dos sujeitos em sociedade.

Ao entendermos a formação de leitores a partir de suas relações com o contexto social, podemos evidenciar por meio das práticas e dos eventos de letramento, a construção do leitor reflexivo e independente. Como autor de sua própria história, o leitor busca desenvolver suas relações ideológicas através das experiências de leituras ao longo de seu processo formativo.

[...]. Falar na formação do leitor cidadão é justamente não olhar só uma das faces desta moeda; é permitir a nossos alunos a confiança na possibilidade e as capacidades necessárias ao exercício pleno da compreensão. Portanto, trata-se de nos acercarmos da palavra não de maneira **autoritária**, colada ao discurso do autor, para repeti-lo “de cór”; mas de maneira internamente persuasiva, isto é, podendo penetrar plasticamente, flexivelmente as palavras do autor, mesclar-nos a elas, fazendo de suas palavras nossas palavras, para adotá-las, contrariá-las, criticá-las, em permanente revisão e réplica (ROJO, 2004, p.7).

A formação leitora inclui as experiências de vida e a partir delas o sujeito ressignifica os conhecimentos adquiridos durante seu processo de formação. Isso faz com o que as experiências de leituras vivenciadas no contexto social promovam uma relação mais intensa, ao ponto de o leitor conduzir suas escolhas. Compreendemos, desse modo, que a formação leitora é fortalecida quando o leitor anda em conformidade com suas escolhas, comanda suas decisões e entra na dimensão do texto por meio dos caminhos que o texto propõe, possibilitando diferentes formas de interpretação. Nesse sentido, a interação do leitor com o texto oportuniza a criação de estratégias mesmo que estas sejam processadas de forma espontânea, contudo, dão sentido à leitura.



Para entendermos o processo de formação leitora em estudantes precisamos levar em consideração seu repertório de leitura, suas práticas sociais e culturais. Sendo assim, consideramos que a base da formação leitora dos sujeitos está em afinidades com suas escolhas literárias. Desse modo, percebemos que o espaço de vivência linguística, social e cultural influencia na atividade leitora dos sujeitos, possibilitando ao diálogo com a obra literária.

O leitor consegue estabelecer intercâmbio com suas memórias de leituras. Esta em conformidade com o real favorece e estrutura o conhecimento de mundo e assume papel relevante na construção do pensamento crítico. Dessa forma, podemos argumentar que a relação de reciprocidade do leitor com as leituras realizadas ao longo de sua formação consolida a comunicação do leitor com o texto. Assim, ao adentrar na esfera do passado e do presente por meio da leitura textual e semiótica, ele se familiariza com o que vê, lê, sente e reorganiza seus saberes e conhecimentos de forma significativa.

Autores ou leitores podem encontrar no texto o lugar de trânsito, de realizações, frustrações, encantos e desencantos. A ação que o texto pode provocar dependerá do ser que ler e/ou escreve. O sujeito decide qual sensação sentir a partir do exposto e do criado. O que realmente importa para o leitor, seja ele iniciante ou não, é o interesse e a curiosidade aguçada a partir do momento que ele olha, toca, sente e adentra ao texto a fim de vivenciar as experiências nele contidas. O sujeito que ler e/ou escreve, possui assim, diversas vivências a partir do real, do ficcional e do imaginário. Desse modo, compreendemos que a relação do sujeito com a literatura se constrói no campo da ficção e da realidade simultaneamente. Também podemos pensar que no entremeio da relação sujeito e leitura transita no campo da heterogeneidade textual.

Ao transitar nos espaços do texto, o leitor interpreta o que ele vivencia no campo textual. Sendo assim, podemos pensar que através da literatura o leitor partilha de novas práticas e eventos de letramentos. Se os letramentos adquiridos por meio do contato do leitor com a literatura elevam o conhecimento, compreendemos que o sujeito letrado reformula hipóteses e reescreve novas histórias tendo como base as experiências de leitura literária adquiridas.

Rojo (2012, p. 22, 23) adverte que:



Em qualquer dos sentidos da palavra “multiletramentos” – no sentido da diversidade cultural de produção e circulação dos textos ou no sentido da diversidade de linguagens que os constituem –, os estudos são unânimes em apontar algumas características importantes:

- a) Eles são interativos; mais que isso, colaborativos;
- b) Eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]);
- c) Eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

O excerto acima elenca informações de grande relevância e acentua a importância dos estudos sobre os multiletramentos para entendermos com mais afinco a formação do leitor contemporâneo. A colocação de Rojo (2012) aponta a influência dos multiletramentos na formação dos sujeitos que faz uso de vários mecanismos de informação. Isso se configura em fonte de conhecimento que alimenta os discursos e as relações ideológicas dos sujeitos que se utilizam das linguagens textuais e semióticas para comunicar-se com as diversas modalidades de leituras que lhes são ofertadas.

A interação do estudante com a literatura na sala de aula contribui para sua formação crítica. Pensemos a relação texto/leitor no campo literário como mecanismo norteador para a concretização do fazer literário na formação crítica do sujeito. Dessa forma, a familiarização da leitura pode ser estabelecida a partir do desenvolvimento das práticas e dos eventos do letramento que são adquiridos dentro e fora do contexto escolar. Nesse viés, observamos que a formação leitora se constitui entre as várias modalidades dos letramentos que corroboram para a formação crítica e reflexiva dos estudantes, promovendo conhecimento e interação social.

Para discorrer sobre a leitura semiótica dos textos na sala de aula, precisamos levar em consideração fontes de leituras selecionadas pelos estudantes através de seu acesso as tecnologias da informação nos espaços de convivência. E por meio dos mecanismos de comunicação e o acesso às variedades de textos multisemióticos e multimodais que os estudantes têm acesso podemos organizar seu repertório de leitura na sociedade, considerando que os textos semióticos possibilitam aos sujeitos diferentes



fontes de leituras, interpretações e conhecimentos; além disso, os textos semióticos são constituídos por várias linguagens textuais, dando assim, margem para diversas interpretações do cotidiano dos sujeitos em seus espaços sociais.

Catto (2013, p. 162) afirma que

[...] os saberes que envolvem os multiletramentos contemplam habilidades para interagir tanto com a diversidade de culturas e línguas quanto com a diversidade de tecnologias comunicativas. Manipular as diversas tecnologias comunicativas define a proposta central do letramento multimodal, ou seja, conhecer o papel dos recursos semióticos e o uso integrado dos mesmos na construção de sentido. Em vista de tal constatação, a relação entre o letramento multimodal e os multiletramentos pode ser entendida como intrínseca, visto que ambas são simultaneamente convocadas para interagir nessas novas tecnologias comunicativas em busca de uma expansão no repertório de práticas sociais das quais podemos e sabemos participar.

A leitura semiótica do texto reverbera situações simultâneas de sentidos. Logo, os textos multissemióticos configuram-se espaços de construção do leitor quando o mesmo se permite explorar a pluralidade das leituras semióticas em conformidade com sua realidade sociocultural. Nesse sentido, argumentamos que os multiletramentos são constituídos a partir do que o leitor explora em seu contexto por meio da linguagem textual estabelecida. Com isso, entendemos que as escolhas do leitor têm relação com sua realidade sociocultural, visto que as experiências adquiridas durante sua trajetória de vida influenciam suas práticas letradas.

Se as leituras semióticas do texto acoplam condições estratégicas para a construção do conhecimento e, conseqüentemente, produz sentidos à formação de leitores críticos e reflexivos, logo, compreendemos que a transição do leitor entre os textos verbal e não verbal possibilita a construção do conhecimento através do repertório de leituras selecionadas pelos sujeitos que utilizam a linguagem verbal e não verbal para contrastar e fundamentar os conhecimentos adquiridos.

Segundo Catto (2013, p. 160) [...] a “interação entre linguagem verbal e não verbal é a característica principal da multimodalidade.” Para a autora, a multimodalidade dá condição para o sujeito conhecer e inteirar-se



dos variados letramentos que lhes são ofertadas por meio da linguagem verbal e não verbal. Nesse sentido, podemos compreender que o trânsito do leitor entre as diversas modalidades de textos é norteado pela linguagem verbal e não verbal. Isso torna a linguagem verbal e não verbal ferramenta imprescindível para a comunicação do leitor com o texto.

[...] a proposta dos multiletramentos reconhece o papel do letramento tradicional e enfatiza a complementaridade entre formas mais tradicionais de letramento, as quais envolvem leitura e escrita da linguagem verbal, como processos socialmente constituídos, em interação com novas formas de negociação de significado, baseadas na manipulação de diferentes recursos semióticos, como imagens e sons. (CATTO, 2013, p. 159)

Sabendo que os diferentes recursos semióticos alimentam a comunicação entre o letramento tradicional e os novos letramentos, podemos compreender que as modalidades textuais existentes na contemporaneidade constituem os multiletramentos. Então, as influências das leituras semióticas dos textos em sintonia com a multimodalidade no contexto social consolidam as práticas e os eventos do letramento na vida dos sujeitos. Nesse sentido, podemos perceber que a escola torna-se um espaço construtor e condutor dos diversos letramentos na sociedade, apropriando-se da linguagem verbal e não verbal.

Para Catto (2013, p. 159), “[...] o letramento multimodal é uma das propostas da pedagogia dos multiletramentos, e está relacionado à referida manipulação de diferentes modos semióticos.” Se pensarmos que o trabalho com os textos semióticos no contexto escolar manifesta a comunicação entre diferentes tipologias textuais, sejam elas de linguagem verbal e não verbal, atribuem sentidos à formação do leitor. Podemos compreender, a partir disso, que os textos multissemióticos vinculados às propostas de trabalho na sala de aula e constituem-se em práticas de leituras e de escrita.

Considerações finais

O estudo acerca do texto literário e as possíveis contribuições dos estudos semióticos na formação do leitor contemporâneo, aponta quão notória é a ocorrência de textos semióticos no cotidiano dos sujeitos.



Sabemos que o frequente contato dos estudantes com essa modalidade textual dentro e fora do contexto escolar acarreta transformações nas escolhas de leituras realizadas por esses sujeitos em seus espaços de convivência. A escola por se conceber um espaço de formação, precisa estar aberta às diversas possibilidades de leitura, as quais dão existência aos letramentos que transitam entre seus arredores.

O contato do leitor aos diversos gêneros semióticos impele novo cenário para o trabalho com a leitura na sala de aula. É frequente o trânsito dessa diversidade de gêneros no cotidiano dos sujeitos e seu contato com os mesmos propõe uma relação de reciprocidade com seu universo de leitura. Cabe ao leitor decidir entre as multiplicidades de gêneros a seleção que fundamentará sua formação leitora. Assim, as experiências de leituras nos espaços de trânsito do leitor estabelecem o diálogo que formalizam o conhecimento a partir da leitura de textos. Consideramos, nesse sentido, que os textos são fontes de informações que promovem os letramentos e a aprendizagem dos sujeitos na sociedade contemporânea.

A influência dos textos multissemióticos na sala de aula fomenta novas possibilidades de leituras e produção do conhecimento por meio dos textos imagéticos. Então, a leitura de imagens na sala de aula comporta diversos letramentos que permite múltiplos olhares aos leitores de imagens. O leitor quando recorre a suas vivências de leituras e atribui interpretações a partir de seu conhecimento de mundo, atribui sentido ao texto lido. Percebemos nesse ponto que a leitura dos textos não verbais propõe um novo letramento na sala de aula.

A frequente interação dos estudantes com os textos multissemióticos fora do contexto escolar nos força ainda mais a responsabilidade de realizar a leitura dessa modalidade de textos na sala de aula. A convivência com os textos semióticos dentro e fora do espaço escolar possibilita ao estudante a compreensão da realidade. Sabemos que esta modalidade de leitura faz parte do mundo contemporâneo. Dessa forma, precisamos considerar as diversas modalidades de textos como fonte de aprendizagens e construção crítica do conhecimento adquirido dentro e fora dos muros da escola.

Ao tratar da multimodalidade e da multissemiose, Rojo (2012) esclarece que as atividades de leitura semiótica dos textos nos possibilita conhecer diferentes formas de representação da leitura de imagem. Isso nos



propõe considerar a multimodalidade ou a multissemiose dos textos o espaço para diversas interpretações das imagens que nos são ofertadas por meio da linguagem verbal e não verbal. Assim, compreendemos que essa linguagem textual exige diferentes formas de leitura.

Referências

AGUIAR, V. T. de. Leitura literária e escola. In: EVANGELISTA, A. A. M. *et al.* (orgs.) **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CATTO, N. R. **A relação entre o letramento multimodal e os multiletramentos na literatura contemporânea: alinhamentos e distanciamentos**. Fórum Linguístico, Florianópolis, v.10, n. 2, p. 157-163, abr./jun. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/viewFile/1988412.2013v10n2p157/25548>>. Acesso em: 20/01/2019.

CRUZ, M. de F. B. da. **Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor**. Salvador: EDUNEB, 2012.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos. In: ROJO, R. & MOURA, E. (orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/1387699/Letramento_e_capacidades_de_leitura_para_a_cidadania>. Acesso em 06/02/2019.

